
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS: UM DIÁLOGO CONTRACOLONIAL ENTRE NEUSA SANTOS SOUZA E FRANTZ FANON

Flora Carolina das Chagas de Lima Matos

Psicóloga (CRP 01/19289),
Especialista em Políticas
Públicas para População em
Situação de Rua, com foco na
População Negra pelo Programa
de Pós-Graduação em
Desenvolvimento, Sociedade e
Cooperação Internacional -
PPGDSCI na Universidade de
Brasília (2022), Mestranda em
Ciências Humanas e Sociais
pela Universidade Federal do
Oeste da Bahia - UFOB e
bolsista CAPES. Email:
flora.m0471@ufob.edu.br

Fabiane Machado Barbosa da Fonsêca

Professora da Universidade
Federal do Oeste da Bahia -
UFOB. Membro do Programa
de Pós-graduação em Ciências
Humanas e Sociais. Doutora em
Sociologia e Direito pelo
PPGSD/UFF, pesquisadora do
Grupo de Pesquisa Interseções
entre Direito, Estado e
Autonomia – IDEA/UFOB e do
Laboratório Cidade e
Poder/UFF. Email:
fabiane.fonseca@ufob.edu.br

Resumo

O presente artigo tem uma proposta de (co)relacionar as ideias dos pensadores negros: Neusa Santos Sousa e Frantz Fanon, estudiosos que contribuíram para a construção crítica nas ciências humanas sobre as questões que envolvem a negritude. A ideia, nesse sentido, é suscitar reflexões a partir das articulações entre esses pensadores dentro de uma perspectiva comparativa que nos ajude a perceber as semelhanças e diferenças de posicionamentos, olhares e definições de como estes autores contribuíram para o entendimento da subjetivação da mulher negra brasileira. Serão analisadas as obras *Pele Negra e Máscaras Brancas* (2008) e *Tornar-se Negro* (1983) considerando nos dois trabalhos: o contexto histórico e vivência de cada autor, a produção da identidade da mulher negra estabelecida em cada obra, as demarcações de violência identificadas pelos autores e as consequências do colonialismo diante dessas questões supracitadas.

Palavras-chave: Contracolonialidade. Subjetivação. Racismo. Identidade.

Introdução

O presente artigo aborda as teorias sobre a construção da identidade das mulheres negras na obra de Neusa Santos Souza e Franz Fanon. Se propor a dialogar sobre perspectivas que tensionam questões entre raça, gênero e classe, é compreender que esses estudos partem de um posicionamento político e histórico na construção da compreensão da identidade de corpos negros. Assim, justifica-se a contracolônização¹ como uma estratégia de pensadores negros que consideram a importância da compreensão da subjetivação da vivência racial sobre/contra os seus corpos.

Com a temática da construção da identidade das mulheres negras brasileiras o estudo proposto pretende refletir e aprofundar sobre as questões da negritude dentro de uma construção crítica nas Ciências Humanas, mais especificamente, sobre as subjetivações das vivências das mulheres negras, investigando, revisando e mapeando ao longo do estudo sobre as construções/definições que contribuem para o entendimento da subjetivação da mulher negra brasileira. Para a base desse estudo utilizaremos as obras: Tornar-se Negro (1983) e Pele Negra e Máscaras Brancas (2008), dos respectivos autores Neusa Santos Souza e Frantz Omar Fanon, sendo esses trabalhos fundamentais no estudo da negritude que demarcam uma conduta desveladora de discursos contra hegemônicos e um posicionamento epistêmico sobre as vivências, corpos e identidades de mulheres negras.

Construir problematizações dentro dessa temática é um pilar importante para que possa ser compreendido as estruturas históricas que se propagam ao longo do tempo e enraízam estereótipos que aniquilam e subjugam as vivências das mulheres negras. Nesse sentido, pretende-se analisar as articulações desses pensadores negros para que possam servir de aporte para fomentar posicionamentos críticos que contribuem para a compreensão do tema.

Com o objetivo de compreender e apontar como estes autores colaboraram para o entendimento da subjetivação das vivências negras, o artigo pretende evidenciar as semelhanças e diferenças de posicionamentos, olhares e definições sobre “ser negra”

¹ O conceito “contracolônização” é um posicionamento de luta, defesa e resistência aos modos de vida não coloniais, é um termo proposto por Nego Bispo, para uma discussão aprofundada, Cf. Colonização, Quilombos, Modos e Significados (2015).

construindo reflexões significativas que contribuam para a compreensão das vivências das mulheres negras brasileiras. Assim tem como objetivo discutir e suscitar reflexões a partir das articulações entre as obras dos autores referidos.

Dessa forma, o percurso metodológico realizado ocorre através das contraposições entre as duas obras supracitadas onde busca-se a compreensão das relações de poder que são estabelecidas doravante a um campo histórico e a constituição de seus discursos e práticas discursivas, a partir de uma análise das ideias propostas por Foucault na obra *Arqueologia do Saber* (2008).

Para tanto iremos (co)relacionar as ideias dos pensadores negros estudados, considerando nos dois trabalhos: o contexto histórico e vivência de cada autor, a produção da identidade da mulher negra estabelecida em cada obra, as demarcações de violência identificadas pelos autores e as consequências do colonialismo diante dessas questões. Em seguimento, serão feitos apontamentos sobre uma conduta desveladora de discursos contra hegemônicos que nos ajudem a pensar a partir desses autores a contracolonialidade como um posicionamento epistêmico e de conhecimento sobre as identidades de mulheres negras.

Dentro dessa compreensão, fica escurecido a importância do comparativo entre os dois pensadores apresentados, que para além de ambos serem negros, pesquisadores antecendentes sobre questões que envolvem a negritude, nos ajudam a romper com o epistemicídio², tensionam a hegemonia de um conhecimento colonial e nos apontam um caminho para diálogos sobre a construção da identidade de mulheres negras.

A relevância dos estudos desses precursores, trazem reflexões que apontam para uma ruptura de um olhar científico universalizante dentro Ciências Humanas. É o que a pensadora Fatima Lima (2020) salienta:

interpelar a própria noção de humano como elemento organizador político, social, cultural, subjetivo e intersubjetivo. Assim, as ideias de ordem, certeza, clareza, igualdade, universalidade, entre outras que sustentaram e sustentam a violência e a brutalidade do pensamento moderno, mostram, mais do que sua fragilidade, um mundo marcado pela separabilidade. (LIMA, 2020, p. 81)

Nesse sentido, identificar, nomear e subverter a ordem de um discurso colonial que é produzido sobre a subjetivação de corpos negros é fundamental. Para que a

² O “epistemicídio” é um termo proposto por Boaventura de Souza Santos, redefinido e usado aqui a partir das pontuações de Sueli Carneiro quando se pensa as questões que envolvem a falta de reconhecimento sobre outros saberes, esse interligando a desvalorização do negro como detentor do conhecimento. Cf “A construção do Outro, Como Não Ser como fundamento do ser” (2005)

subversão enquanto prática contracolonial seja possível, primeiramente é preciso dar os nomes sobre esses fenômenos e dialogarmos sobre eles.

A guardiã dos saberes ancestrais e pensadora Makota Valdina (1943- 2019) faz um apontamento cirúrgico em seu artigo “Os terreiros e as imagens” (2020) que nos guia a entender a importância dessa discussão no campo das Ciências Humanas e Sociais, visto que por muito tempo as ciências “com suas ias – antropologia, etnologia e tudo mais quanto for “ia”, escarafunchou negro e índio” (p. 105), como ela destaca.

Neusa Santos Souza, também faz apontamentos sobre isso, quando relata que o indivíduo para se constituir enquanto um ser social precisa de modelos de ser e agir diante do mundo. A autora chama esse processo de “ideal do ego” (p. 33), e aqui é importante perceber que as colocações supracitadas não são meramente uma análise individual, e muito menos individualizante, mas uma questão social e o próprio objeto de estudo das ciências humanas.

O próprio Fanon (2008), nos alerta que o problema da colonização não está nas condições objetivas apenas, mas diante das atitudes tomadas sobre esses contextos. Por isso, o comprometimento de Neusa e Fanon com as nomeações e uma prática de uma leitura social, que possa ser diferente do que tá posto, dialogando com a construção de outras representações sobre “ser negro” e destacando um caminho para a construção da identidade, tirando da margem, e colocando no centro, as questões da negritude e contribuindo assim para uma reparação histórica e para uma retomada de uma construção de signos e significados sobre um ser e um devir negra.

Os encontros entre Neusa Santos Souza e Frantz Omar Fanon

Neusa Santos Souza (1948- 2008), foi uma psiquiatra e psicanalista brasileira que na década de 1980 se propôs a dialogar com as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em uma época política em que se desvelava a ditadura militar. Enquanto pesquisadora, realizava o que Nasciutti (2021) vem a chamar de “crítica à ideologia de branqueamento” ou “ideal branco” (p. 4) traçando um paralelo às dororidades³ vividas

³ A categoria “Dororidade” é um termo cunhado por Vilma Piedade fazendo referência às dores que atravessam as mulheres negras. Cf. Dororidade (2017)

pelas pessoas negras, mas fazendo aqui o destaque para mulheres negras em seu capítulo V - História de Luísa, no Livro “Torna-se negro” (1983).

Frantz Omar Fanon (1925-1961), psiquiatra martinicano, faz um percurso de compreensão do racismo no contexto colonial e o eurocentramento que se desvela em sequência; sendo assim precursor de um pensamento que interconecta as reflexões da dominação colonial e a compreensão da sociogênese entre pessoas negras e brancas, segundo Sevalho e Dias (2022). Dando ênfase para a questão da mulher negra em seus escritos no capítulo “A mulher de cor e o branco”, no Livro “Pele Negra, Máscaras Brancas” (2008).

As semelhanças entre os autores se revelam para além da sensibilidade de uma temática em comum, mas sobre um posicionamento de denúncia de uma historiografia canônica que vai estabelecendo a construção de um olhar sobre o corpo negro. Em “Pele Negra Máscaras Brancas” (2008) essa perspectiva vai sendo revelada a partir da “zona do não ser” (p. 22) que Fanon vai descrevendo em seu livro e que Neusa Santos Souza reafirma em “Tornar-se negro” (1983), quando evidencia a “óptica deformada” (p. 20) que é construída sobre os padrões das relações sociais estabelecidas entre o negro e o branco. Ambos os autores escavam essa historiografia que serve de base epistemológica para a nomeação dos processos vividos pelas pessoas negras.

O trabalho de Neusa Santos Souza é uma referência sobre a questão do negro no Brasil, porém, ainda hoje pouco discutido e difundido, mesmo diante do segundo relançamento do livro. Diferentemente de Frantz Fanon, a obra de Neusa foi pouco investigada no meio acadêmico brasileiro. É importante lembrar que o estudo de Neusa Santos Souza sobre a negritude parte de um contexto de análise onde o foco é o negro brasileiro em ascensão social. Em entrevista ao “Programa Espelho” (2008) Neusa Santos ao ser interrogada sobre sua obra “Tornar-se negro” (1983), evidencia:

o fato, é de que o negro hoje se colocar como uma questão candente, ele é uma questão, ele fala de si, ele coloca a sociedade inteira para falar de si, isso é um avanço. Então, é, uma das coisas que eu acho que tem valor digamos assim, do que eu escrevi, que eu continuo assinando em baixo é o fato de que esse livro foi escrito a partir de histórias de vidas de negros. Quer dizer... as pessoas sobretudo falaram. Eu falei a partir do que elas falaram, então, isso é interessante. É, digamos assim: naquela época se falava em dar a voz, hoje não cabe mais isso. Hoje cada um de nós toma a voz, levanta a voz. Isso, digamos assim, é um avanço fabuloso. [...] meu trabalho é sobre tudo isso, criar condições para que cada um afirme a sua fala. Então em termos coletivos, a

partir dos movimentos negros, da luta negra, o negro conquistou isso. Isso é festa, isso é para festejar... Agora tem muito mais!⁴

Tanto Neusa quanto Fanon constroem uma linha de pensamento sobre a negritude que envolve a compreensão dos não ditos sociais sobre o “ser negro”. Fanon precursor de Neusa é citado por ela, quando a mesma vai descrevendo as vicissitudes do “mito negro” (p.25) e os engendramentos de poder que são constituídos por esse processo. Ela nos lembra a partir dos escritos de Fanon que o parceiro branco é um instrumento para alienação, por amar-se a brancura (SANTOS, 1983 apud FANON, 1970).

À medida que vai sendo realizado um comparativo entre os autores, vai ficando mais evidente que em ambas as obras não existe um estudo específico sobre as mulheres negras. Mas os dois autores, de maneiras diferentes, vão trazendo pontos de reflexões em comum e desvelando uma colonização dos corpos e vivências de mulheres negras.

A composição do que Neusa Santos (1983) nomeia como o “mito negro” mesmo não tendo uma inspiração direta referenciada, vai ao encontro com as leituras modernas trazidas por Patricia Collins (2019), em que ela classifica “os mitos” sobre as mulheres negras a partir de uma leitura do feminismo negro, nomeando esse fenômeno como imagens de controle. Sobre o conceito a autora define:

A ideologia dominante na era da escravidão estimulou a criação de várias imagens de controle inter-relacionadas e socialmente construídas da condição de mulher negra que refletiam o interesse do grupo dominante em manter a subordinação das mulheres negras. Além disso, como negras e brancas eram importantes para que a escravidão continuasse, as imagens de controle da condição de mulher negra também funcionavam para mascarar relações sociais que afetavam todas as mulheres. (COLLINS, 2019, p. 155)

Na análise do Capítulo V sobre “A história de Luísa”, Neusa vai traçando vários paralelos que podem vir a ser características e que dão forma e definem o movimento social que Patricia Collins nomeia de imagens de controle, sendo os principais citados: a solidão da mulher negra, a hipersexualização da mulher negra e as autoexigências de uma mulher negra.

O pensador Fanon, também vai traçando esse caminho de interlocução com a vivência das mulheres negras quando identifica como “eretismo afetivo” (p. 74), a internalização de um desejo da mulher negra de pertencer ao mundo branco, por perceber-se, enquanto negra, como inferior.

⁴ Entrevista cedida ao Programa Espelho, Canal Brasil, 2008.

Em relação ao Fanon e o trabalho desenvolvido no Capítulo “A mulher de cor e o branco” dentro dessas perspectivas da vivência da mulher negra é preciso perguntarmos a partir de “qual lugar” Fanon fala e vai retratando as questões que envolvem as mulheres negras interseccionado as questões apresentadas com as colocações de Grada Kilomba no prefácio do livro, para a edição mais recente de “Pele Negra, Máscaras Brancas” (2008) onde é mencionado ausências de uma perspectiva de Fanon, para as questões que envolvam pontuações sobre gênero e transexualidades. Segundo fala da própria autora “um erro que ele nos deixa para ser corrigido” (p. 16).

É preciso salientar, ainda assim, o quanto o autor se debruça sobre a questão da mulher de cor (como ele nomeia) a partir das questões de inferioridade, supercompensação e a necessidade de branquear a raça.

Todo esse movimento traz um desdobramento para o embasamento de outros autores contemporâneos, posteriores a Fanon e conterrâneos de Neusa que trabalham e/ou trabalharam as questões das mulheres negras. É importante citarmos por exemplo Lélia Gonzalez. A articulação entre os dois surge através da ida da autora a Martinica e que posteriormente compartilha da pergunta feita por Fanon e que embasa também a autora: “como se dão as formas de subjetivação da dominação?” (LIMA, 2020, p. 11.)

Construindo essas articulações vamos percebendo que as posturas contracolônias são importantes e se constituem a partir da memória e de uma condução sobre a nossa própria história. É com o ensinamento dos que vieram antes que podemos construir o que vem depois. Neusa Santos Sousa e Omar Frantz Fanon nos ensinam sobre isso a cada linha. Construindo o que posteriormente vem a ser chamado contracolônialidade.

A produção de identidade em Pele Negra, Máscaras Brancas.

A partir das críticas que Fanon vai traçando ao trabalho “Psicologia da Colonização” de Manonni (1950) vamos sendo alertados que a construção de uma identidade, perpassa por uma análise social do processo de inferiorização e que “o racista cria o inferiorizado” (p.107) é também a partir dos posicionamentos fanonianos, que entendemos que a construção da identidade de pessoas negras está correlacionada ao que ele nomeia de “racismo colonial” (p.105). Nesse sentido, Deivison Faustino, um pesquisador brasileiro estudioso de Fanon, nos aponta que:

A afirmação da identidade (negra, no caso), outrora negada, como vimos, é condição política e estética para desautorizar as “verdades” do colonizador, entretanto, quando se aceita como dado a pseudo universalidade do dominador e, ainda assim, diante de sua esmagadora negação, limita-se à afirmação apenas daquilo que ele deixou de ver em si, amplifica-se a potência negadora contra si próprio ao invés de expurgá-la. (FAUSTINO, 2016, p. 84/85)

Contudo, nos alerta Fanon (2008), que é nesse processo de colonização das mentes que vai sendo apontado para a pessoa negra, a necessidade de “branquear a raça” (p. 62), esse é o efeito da eugenia, que para além de trazer a brancura enquanto norma, faz um processo de desvencilhamento e recriminação de tudo que se refere ao negro desde sua relação ao passado ou sobre o que se foi/é.

Existe então a construção de um discurso de depreciação em que coloca a pessoa negra em um dilema do “branquear-se ou desaparecer” (p.114). Em relação às mulheres negras, em “A mulher de cor e o branco” (p.57) é também retratada a questão da inferioridade por um viés econômico, em que a figura do homem branco, para além dos efeitos de exaltação e supercompensação para mulheres negras, seriam também um recurso para “branquear magicamente” (p.59) sua negritude onde a partir disso elas poderiam ter uma inserção na sociedade e serem aceitas.

A construção da identidade é então constituída, a partir da perspectiva Fanoniana, pela anulação a tudo que se remete ao “ser negra”. E nesse sentido o trabalho de Fanon é um manifesto de reconhecimento de um mecanismo que denuncia a “divisão racial da culpa” (p.117), ou seja, as responsabilidades que o branco (colonizador) não assume diante da colonização. Esse movimento, no entanto, não é um processo de fissura ou desejo sobre o ser branco, mas um esforço atento para que a pessoa negra possa entender esses mecanismos e romper com eles, a partir de um reconhecimento.

Por fim, fica descrito que o “desejo de se branquear” (p.226) perpassa pela efetividade do reconhecimento pelo outro, ou pelo desejo de ser reconhecido. Esse movimento é perpetuado à medida que vai sendo compreendido o “complexo de dependência” (p.227) da pessoa negra que só é legitimada a partir das semelhanças que vão sendo construídas para tornar-se branco ou performar a branquitude.

Diante desses caminhos, Fanon vai nos dando pistas de que a única maneira de romper com essas dinâmicas de inferiorização é a “a consciência de si” (p.228) na luta e transformação a partir do desejo de se reconhecer e se constituir diante de “um esforço de resgate de si mesmo” (p.242) onde possamos nos reinventar e romper essa lógica a partir dos nossos próprios questionamentos sobre essa sociedade.

A produção de identidade em Tornar-se Negro

Neusa Santos Souza, em “Torna-se negro” (1983) nos sinaliza, já em seu capítulo introdutório, sobre os efeitos e as experiências em “saber-se negra” (p.18) onde é nomeado o processo de aniquilação da identidade das pessoas negras e o compromisso político que para a autora é importante de se ter na (re)criação ao olhar sobre o branco como referência de modos vivente.

Para essa discussão vão sendo traçadas “a definição inferiorizante do negro” (p.20) e a “marca da diferença” (p.26) que como sustenta a autora, são os dispositivos de força que fundamentam as relações raciais no Brasil.

Nesse sentido, vai sendo revelado o que ela nomeia de “introjeção da imagem do negro” (p.22) e como a partir disso são fortalecidas a manutenção e os valores da hegemonia branca, visto que tudo que se remete ao negro é visto pela lógica da autodepreciação, reforçadas pelo preconceito.

O “mito negro” (p.25) é um conceito ao qual, Neusa Santos, apresenta para compreendermos a construção da subjetividade do negro, ao qual vai tornando-se uma questão, visto a inferiorização “do ser negra” a partir da tripartide destacada pela pensadora: cor - ideologia do embranquecimento e democracia racial. Sobre isso ela define:

O mito é uma fala, um discurso - verbal ou visual - uma forma de comunicação sobre qualquer objeto: coisa, comunicação ou pessoa. Mas o mito não é uma fala qualquer. [...] Instrumento formal da ideologia, o mito é um efeito social que pode entender-se como resultante da convergência de determinações econômico-político-ideológicas e psíquicas. (SANTOS, 1983, p. 25)

O que faz compreendermos que o mito negro produz uma composição que correlaciona o poder e as quebras de identificação do sujeito negro para com tudo que advém da sua negritude, tomando o branco com o que ela denomina, de marco referencial.

Em relação às mulheres negras, Neusa Santos Souza dedica o capítulo V “História de Luísa” para relatar a vivência de uma mulher negra recém-formada em medicina, que ascende socialmente mas que em sua trajetória vai sentindo/percebendo os estereótipos que são construídos em relação às mulheres negras. Nesse sentido, todas as ações que envolvem Luísa, partem do questionamento de como ela deveria se comportar, para ser

aceita e reconhecida, visto que são evidenciadas uma distinção de tratamento pela sua cor.

Diante do relato descrito no capítulo, vamos entendendo o quanto a constituição do auto-ódio é uma ferramenta de controle que mantém a inferiorização dos corpos negros. Esse exemplo, fica nítido quando é retratado as falas da avó de Luísa que também era uma mulher negra, mas que entre suas conversas era evidenciado “que crioulo, sobretudo o negro não prestava” (p. 46) e que é preciso “casar com branco para limpar o útero” (p. 46).

É apontado diante desses mecanismos de controle que os cuidados de sua avó, vai sendo entrelaçado por um sentimento de proteção (pelos ensinamentos e cuidados que ela recebia), vergonha e raiva (por perceberem que eram diferentes dos outros). E essa demarcação da diferença evidencia o aspecto da solidão, comparação, estética e a busca do estudo como uma alternativa de afirmação para tornar-se a “negra-branca” (p.48) e ser validada por ser a melhor em tudo que fazia.

É apontado assim, através da análise da autora, o interdito da manutenção do auto-ódio ao negro que é passado por gerações (de vó- para neta) onde vai sendo referenciado o que pode ou não ser feito. É nesse sentido que Neusa Santos (1983) destaca “(...) uma base de sustentação onde assentar-se-ão os paradigmas e estereótipos fundamentais da ideologia hegemônica que estabelece a maneira de sentir, agir e o jeito de ver a vida no âmbito das relações interraciais”. (p. 55/56)

É a partir dessa lógica que vai sendo realizado um processo de “desvalorização e pseudovalorização” (p. 56); “representação distorcida” (p. 56) em que o branco é considerado ideal.

Consequências do processo colonizador na produção de identidade nas duas obras

Os efeitos da colonização se dão em um mundo apartado, onde a produção da identidade é fruto de uma aniquilação. Deivison Faustino (2021), estudioso das obras de Fanon, nos lembra que o colonialismo se constitui por processos que implicam na subjetividade do sujeito que vive a colonização e é colonizado.

O pensador Fanon nos alerta que o processo colonizador demarca a dominação e fissura entre os corpos. Onde a alienação é um pilar que reforça e concebe uma civilização em que o branco é considerado superior. O negro assim se torna “escravo do passado” (p.

237) e refem de querer ser como o branco. Onde constantemente se sente “alheio ao mundo ocidental” (p. 241)

Neusa Santos Souza, demarca a “representação do negro como inferior” (p. 20) e que tendo como aporte a ascensão social, introjeta a imagem do branco como referência de padrão, onde tudo que é remetido sobre o lugar que se é enquanto “negro” tornar-se um lugar de depreciação e ressentimento.

São confirmadas a partir dessas percepções que as pessoas negras para ascenderem socialmente, ou seja, para terem acesso a possibilidade de escolher dentro de um sistema capitalista, precisam abrir mão de sua identidade, sendo construído a “negação” (p. 34) de si como um mecanismo de manutenção desses engendramentos que mantêm o desejo do negro em “ser branco” para ser visto e aceito.

Como estratégias para refutar esses mecanismos de opressão, a pensadora Neusa Santos, aponta a necessidade de “tomarmos consciência do processo ideológico” (p. 77) ao qual somos colocados e que demarca um lugar de aniquilação e desigualdade. A partir daí, produzir “um discurso sobre si mesmo” (p. 17) é o caminho para “tornar-se negro” em sua alteridade.

Considerações Finais

As concepções sobre as mulheres negras aqui apresentadas fortalecem uma pilhagem epistêmica enegrecedora para a compreensão das narrativas e lugares simbólicos em que são interpeladas as vivências das mulheres negras. Dentro dessa lógica foi sendo evidenciado durante o comparativo entre as duas obras: os dispositivos que mantêm o processo social de inferiorização das mulheres negras.

Nesta investigação foram apontados conceitos chaves das obras “Tornar-se Negro” (1983) e “Pele Negra, Máscaras Brancas” (2008) que detona como a construção da narrativa do auto-ódio vai sendo retroalimentada a partir dos aparelhamentos que demarcam conceitos e subjetivações sobre a experiências vividas por essas mulheres. O pensador Fanon, identifica os processos de “zona do não ser” (p.22) e “eretismo afetivo” (p.74) que são implementos fundamentais para a manutenção do poder universalizante do branco e que dialogam com os apontamentos de Neusa Santos sobre a “óptica deformada” (p.20) e a “marca da diferença” (p.26) que constituem as vicissitudes do “mito negro”

(p.25) e o processo de manutenção do auto-ódio, trazendo a perspectiva da vivência da mulher negra brasileira.

Nessa investigação fica evidente que o encontro desses autores são um protesto diante do racismo acadêmico nas ciências, mas aqui, explícito nas ciências humanas de antemão. Visto que a escrita de Neusa e Fanon, para além de uma denúncia é a esperança do que pode vir a ser, sob o que queremos ‘ser’ nós.

Sendo assim a interlocução entre esses dois autores fundamentam os aprofundamentos sobre os estudos das subjetividades de mulheres negras: apontando, rompendo e indo de desencontro a perspectivas estigmatizantes sobre essas vivências.

Por fim, ambos imputam os processos de colonização que atravessam as mulheres negras e indicam rotas de resistência para um (afro) futuro possível.

Referências

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento**. Tradução: Jamile Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUTISNO, Deivison Mendes. **“Por que Fanon? Por que agora?” : Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil**. São Carlos : UFSCar, 2016. 260 f.

FAUSTINO, Deivison. **Notas sobre a sociogenia, o racismo e o sofrimento psicossocial no pensamento de Frantz Fanon: Notes on sociogeny, racism and psychosocial suffering in the thinking of Frantz Fanon**. Revista Eletrônica Interações Sociais, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 10–21, 2021. Disponível em <<https://periodicos.furg.br/reis/article/view/12211>> Acesso em: 22/08/2024.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008. 236 p

LIMA, Fátima. **Trauma, colonialidade e a sociogenia em Frantz Fanon: os estudos da subjetividade na encruzilhada**. *Arq. bras. psicol.* [online]. 2020, vol.72, n.spe, pp.80-93. Disponível em: <[Trauma, colonialidade e a sociogenia em Frantz Fanon: os estudos da subjetividade na encruzilhada \(bvsalud.org\)](https://bvsalud.org/)> Acesso em: 18/08/2024

NASCIUTTI, L. F.. SOUZA, Neusa Santos. 2021. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar. 171p.. Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), n. 37, p. e21402, 2021. Disponível em: <[SciELO - Brasil - SOUZA, Neusa Santos. 2021. Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 171p. SOUZA, Neusa Santos. 2021. Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do](https://doi.org/10.15445/s37.2021.001)>

[negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 171p.](#) > Acesso em: 12/08/2024.

RIOS, Flavia. LIMA, MÁRCIA. **Por um feminismo afro latino americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 10

SEVALHO, G.; DIAS, J. V. DOS S.. **Frantz Fanon, descolonização e o saber em saúde mental: contribuições para a saúde coletiva brasileira.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 3, p. 937–946, mar. 2022. Disponível em: <[SciELO - Brasil - Frantz Fanon, descolonização e o saber em saúde mental: contribuições para a saúde coletiva brasileira](#) > Acesso em: 12/08/2024

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da complexidade do negro brasileiro em ascensão social** 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TRIOLOGIA da mente. Direção: Lázaro Ramos. Canal Brasil, 2008. Programa de TV, publicado no Canal Brasil. Programa de Entrevista Espelho. Disponível em: <[Entrevista de Neusa Santos Souza ao Programa Espelho \(youtube.com\)](#)> Acesso em: 29/08/2024

VALDINA, Makota. **Os terreiros e as imagens.** In: CESAR, A., MARQUES, A. R., PIMENTA, F., COSTA, L., eds. *Desaguar em cinema: documentário, memória e ação com o CachoeiraDoc* [online]. Salvador: EDUFBA, 2020, pp. 105-110

Recebido em: 30/09/2024

Publicado em: 27/11/2024